

# BULLYING, GÊNERO E SEXUALIDADE: UM ESTUDO NO COTIDIANO ESCOLAR

Leandro Teofilo de Brito<sup>1</sup>

Carla Chagas Ramalho<sup>2</sup>

## Introdução

O controle social é expresso de diversas formas, em vários lugares, e neste contexto, a escola, torna-se um local para a produção e reprodução de normas sociais, logo, importante para a formação de identidades. Como Louro (2011) afirma, a escola serve para apontar locais permitidos, posturas aceitas e instituir códigos fortalecendo hierarquias.

O gênero e a sexualidade são parte intrínseca na hierarquização social que permeia toda a vida escolar de educandos e educandas. Desse aprendizado nas escolas, Louro (2011) nomeia de “identidades escolarizadas”, que pode ser definido como: “Gestos, movimentos, sentidos [que] são produzidos no espaço escolar e incorporado por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos” (p.65).

Essa produção no espaço escolar não ocorre somente das professoras ou professores para os/as discentes, a “identidade escolar” é cobrada também e, por que não dizer, principalmente pelos seus colegas estudantes. A forma de ocorrer essa cobrança e de homogeneizar as posturas na comunidade escolar surge através do bullying, que serve como uma importante ferramenta para embasar os padrões aceitáveis de gênero e sexualidade no grupo social escolar, pois tem a função de repreender, ofender e agredir os “diferentes”.

O xingamento que ocorre através do bullying serve para diminuir e menosprezar moralmente algumas pessoas, e para atacar a moral do indivíduo deve-se levar em consideração o espaço que esta pessoa está inserida, pois o vocabulário no xingamento é repleto de sentidos sociais. Segundo Zanello, Bukowitz & Coelho (2011) um mesmo xingamento pode ter conotação distinta em determinado ambiente social

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; professor das redes municipais do Rio de Janeiro e Nova Iguaçu. E-mail: teofilo.leandro@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; professora da rede estadual do Rio de Janeiro e do Colégio Pedro II. E-mail: 22.carla@gmail.com

e/ou contexto específico, o que mostra como as relações sociais criam padrões e táticas naturalizantes.

A presente pesquisa mostra como o xingamento, que é utilizado durante o bullying, ocorre numa referência clara às condutas que fogem do esperado socialmente pelo grupo em questão e como estes utilizam o ataque à moral para tentar descaracterizar a pessoa que é detentora de todos os direitos daquele convívio social. Além disso, buscamos neste trabalho discutir o fenômeno bullying, relacionando-o com questões de gênero e sexualidade, situando-o como um tipo de violência no espaço escolar, apontando algumas de suas formas de expressão, além dos reflexos que ele pode trazer à pessoa que sofre.

O atual estudo de caso aponta como questões de sexualidade e gênero são analisadas, vigiadas e cobradas no decorrer da prática escolar e que não são sempre bem discutida pelas personagens que a compõem, apenas são silenciadas como se não fizessem parte do dia-dia das pessoas, como se pudéssemos nos despir do nosso sexo e do nosso gênero ao entrarmos na escola.

### **Discutindo o termo Bullying**

O fenômeno bullying<sup>3</sup> é um processo de exclusão, conceituado por Canen (2011) também como assédio, que se constitui como um movimento de violência continuada sobre algumas identidades, como as identidades de gênero e sexuais, além de outras, caracterizando-se como uma forma de tortura de colegas sobre um deles, um processo que é persistente, incansável, sistemático e constante de provocação sobre alguém.

Fante & Pedra (2008) afirmam que o bullying se diferencia de uma brincadeira inocente, sem a intenção de ferir, pois se trata de atitudes hostis, que violam o direito à integridade física e psicológica e à dignidade humana, ameaçando o direito à educação, ao desenvolvimento, à saúde e à sobrevivência de suas vítimas. O bullying também pode interferir no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, sensorial e emocional, fazendo com que o espaço escolar se torne um ambiente de medo e

---

<sup>3</sup> Segundo Canen (2011) o bullying se manifesta nos espaços escolares através de: “piadas, apelidos, troca de olhares, sorrisos, gargalhadas, segregação, fofoca, isolamento, desqualificação moral, de ideias e opiniões, repetição de palavras, mentiras, falsos perfis e distorção de caráter, dentre outras” (p.56).

insegurança, tanto para aqueles que são alvos como para aqueles que assistem os ataques calados.

Os autores também afirmam que:

Muitos *bullies* (aqueles que praticam bullying), sejam meninos ou meninas, demonstram desde a infância suas habilidades de intimidação. Com o passar do tempo, e sem intervenção, esse comportamento se fortalece e solidifica, comprometendo a aprendizagem de valores humanos, como a tolerância, a solidariedade, o respeito às diferenças, a compaixão (FANTE & PEDRA, 2008, p. 11).

Ferrari (2010) denomina o bullying como uma prática de agressividade repetitiva entre crianças e adolescentes expressos em forma de perseguições, humilhações e intimidações. É uma prática quase que naturalizada no espaço escolar, que leva em conta a inferiorização de um sujeito e o submetimento do mesmo ao sofrimento, devido a uma diferença instituída e exaltada como negativa, através de gestos e palavras. Para o autor, o fenômeno bullying na escola muitas vezes está associado às categorias gênero, raça e classe:

Situações que associam violência e humilhação ao gênero, raça e classe, e que aparecem na escola, nos possibilitam uma boa oportunidade para problematizar a construção desses conceitos, a hierarquização estabelecida e como isso está na própria constituição dessas categorias e sujeitos. Ancorados na História e nas lutas sociais e políticas, esses conceitos refletem a dinâmica das relações sociais e de poder (FERRARI, 2010, p.22).

Discutiremos no próximo tópico deste trabalho os dados de uma pesquisa de campo no cotidiano escolar, que identificou o fenômeno bullying associado a questões de gênero e sexualidade.

### **Bullying, gênero e sexualidade no cotidiano escolar**

A pesquisa de campo, a partir de dados oriundos de uma dissertação de mestrado<sup>4</sup>, ocorreu em uma escola da rede municipal de Nova Iguaçu, região da baixada fluminense, estado do Rio de Janeiro, entre os meses de março e julho de 2012, com turmas do 5º ano do ensino fundamental. Classificando a pesquisa como um estudo de caso (YIN, 2010), utilizamos como técnicas para a coleta de dados a observação participante, com anotações em diário de campo, e entrevistas informais com alunos, alunas e professora.

O relato do bullying foi constatado a partir do caso da aluna Tânia<sup>5</sup>, que começou a frequentar a escola com o ano letivo já iniciado, no final do primeiro bimestre, mês de abril. Inicialmente, parecendo um pouco tímida, Tânia demorou um pouco para se socializar com a turma, fato que gerou certo estranhamento em sala de aula, tanto de alunos e alunas, como da professora. Segundo a professora, a aluna era bem fraca, em nível de leitura e escrita, necessitando de atividades de reforço paralela às aulas diárias para que pudesse acompanhar o ritmo da turma, considerando o ano letivo já iniciado. Fisicamente a menina era relativamente mais alta que as outras meninas da turma, tinha a pele bem branca e costumava usar uma maquiagem bem forte, além disso, já apresentava certo desenvolvimento físico associado à puberdade, de forma notável, sendo o seu corpo alvo de olhares tanto de meninos quanto de meninas. A partir destas situações relatadas, Tânia começou a ser alvo de bullying dentro do espaço da escola, conforme registro retirado do diário de campo, que apresentamos abaixo:

*Sem a presença da professora na sala, que havia faltado neste dia, a turma estava sob a condução de duas estagiárias. Muito agitada, a indisciplina tomava conta da turma neste dia. Tânia neste dia chega atrasada para a aula e ao abrir a porta chama atenção da turma em relação ao seu volume de maquiagem no rosto. As meninas perguntam em tom de deboche quem a maquiou e ela fala: “quem sempre me maquia é a minha mãe”. As meninas riem e dizem não acreditar que a mãe dela possa tê-la deixado sair de casa daquele jeito. Jonathan, que estava próximo, fala: “então você enganou sua mãe que vinha pra escola... ela achava que você ia pra um show de travecos”. Todos que estão*

---

<sup>4</sup> Dissertação de Mestrado intitulada “Inclusão em Educação, gênero e sexualidade: um estudo de caso”, autoria de Leandro Teofilo de Brito, defendida pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ).

<sup>5</sup> Os nomes dos sujeitos participantes da pesquisa são fictícios, preservando assim o anonimato dos mesmos.

*próximos riem da situação, mas Tânia finge não ouvir e se volta para a aula. Rafaela, uma das meninas mais indisciplinadas da turma, senta-se ao lado de Tânia, já com o objetivo de implicar e pergunta-lhe: “Tânia, você é mulher ou travesti?”. Tânia permanece quieta, olhando para o quadro, como se nada estivesse acontecendo. Rafaela levanta, volta para o seu lugar e fala com Jonathan: “o avatar parece que nem tem língua, não fala”. Jonathan fala: “eu tenho certeza que ela tem pênis ao invés de vagina”. Os dois riem, juntos com outros alunos, mas Tânia continua ignorando os xingamentos, olhando fixamente para o quadro, como se nada estivesse acontecendo (Diário de campo em 13/04/2012).*

Algumas considerações sobre o excerto apresentado acima podem ser feitas: os apelidos e xingamentos se voltavam para as diferenças apresentadas por Tânia em relação à maquiagem em excesso que usava, e expressaram-se em palavras de cunho ofensivo relacionadas ao gênero e à sexualidade, tal como “travesti” – talvez pela altura da aluna frente às outras meninas e a associação com a maquiagem forte utilizada por travestis, muitas vezes em shows e apresentações; além do preconceito sobre este grupo identitário, pois os mesmos apresentam uma identidade de gênero distinta do seu sexo biológico, com isso também a afirmação ofensiva de que a aluna teria um pênis ao invés de uma vagina. A regulação social manifestada por alunos e alunas sobre o excesso de maquiagem usado por Tânia também pode ser analisada sob a ótica do gênero, pois a maquiagem também pode ser considerada um signo de manifestação da sexualidade feminina, com a qual as normas regulatórias do sexo e do gênero se mostram vigilantes a todo o momento.

Zanello, Bukowitz & Coelho (2011), em pesquisa sobre palavrões e ofensas associados à questão de gênero entre adolescentes, afirmam que os principais xingamentos que apresentavam como objetivos denegrir a imagem de uma mulher associavam-se ao sexo, mais especificamente ao caráter ativo da sexualidade (“piriguete”, “puta”, “piranha”, “vagabunda”, entre outros). Para as autoras todos estes xingamentos baseiam-se nas instalações da heterossexualidade como norma e das matrizes institucionais do patriarcado. No caso desta pesquisa, a forma de ofensa principal à aluna Tânia esteve relacionada a um tipo “caricatural” de mulher, a travesti, que também pode ser associada à homossexualidade, ou seja, a homofobia e o sexismo fazendo-se presentes no discurso preconceituoso do bullying.

Ferrari (2010) complementa:

Esses discursos vão construindo uma relação binária entre homens e mulheres. Essa desigualdade entre homens e mulheres foi sendo construída através de vários discursos – o religioso, o médico, o filosófico e o pedagógico – capazes de colocar em circulação representações de gênero, comumente vinculadas às concepções de natureza biológica que justificaram essa desigualdade (p. 25).

Nas outras aulas que se seguiram (Diário de campo em 04/05/2012; 11/05/2012; 18/05/2012), Tânia continuou a sofrer bullying por parte de alguns alunos e alunas da turma, no entanto com o passar do tempo, a menina passou a responder e revidar as provocações e deboches que sofria em sala:

*Em sala de aula, após ter sido ofendida mais uma vez por alguns alunos e algumas alunas de travesti e que tinha um pênis escondido na calça jeans, Tânia profere vários palavrões a quem a ofendia, mostrando-se indignada com os apelidos. Em outro momento da aula, Tânia vinha da mesa da professora e sua calça estava um pouco abaixada, fazendo com que aparecesse sua calcinha. Rafaela, rindo, se dirige a Tânia e fala: “ajeita essa calça, porque ninguém quer ver o que você tem dentro do cofre”. Tânia responde: “Porque você não toma conta da sua periquita, já que o seu fecheclair também está aberto? Ela vai fugir, hein...”. Rafaela fica sem graça e não responde (Diário de campo em 25/05/2012).*

Na reação contra a ironia recebida pela aluna Rafaela, Tânia responde com outra ironia também associada à sexualidade. Percebemos esta situação como mais um fato recorrente de controle da sexualidade feminina, onde qualquer associação da mulher ao sexo é vista como negativa. Os palavrões e as ofensas associadas à mulher são na maior parte das vezes atravessadas pelo gênero e pela sexualidade.

De acordo com Zanello, Bukowitz & Coelho (2011):

Os xingamentos, enquanto atos ofensivos, colocam em evidência valores de gênero completamente arraigados em nossa cultura. Ou seja, apesar da pluralidade de possibilidades construtivas de masculinidades e feminilidades, sobretudo numa fase como a adolescência, o caráter reacionário dos xingamentos

demonstra o quanto as estruturas de nossa sociedade encontram-se ainda baseadas em valores tradicionais. A violência verbal, presente no caráter ofensivo do xingamento, aponta desta maneira para a reafirmação desses valores e dos lugares sociais que os sujeitos devem ocupar (p.166).

Tânia, em entrevista informal, contou o que a motivou a não aceitar mais os apelidos e xingamentos de alunos e alunas:

*Eu contei para o meu pai o que estava acontecendo na escola. Meu pai falou pra mim que eu deveria responder também, que eu deveria xingar também quem me xinga. Ele falou que não viria à escola resolver isso, que eu mesma tinha que resolver o problema sozinha, porque esse é um problema meu... então eu estou resolvendo (Aluna Tânia).*

Em uma das últimas aulas observadas durante a pesquisa (Diário de campo em 25/05/2012), tivemos a informação que uma das alunas que ofendia Tânia tinha sido suspensa. Tânia me contou que após mais uma confusão em sala, a professora fez com que ela e as meninas que a xingavam descessem para a sala da direção, onde o problema inicialmente fora resolvido por lá:

*Ela me xingou, junto com as outras meninas, eu xinguei também, e a Glauceca ameaçou me dar porrada na saída, na porta da escola. Contei isso pra diretora e ela deu suspensão a ela (Aluna Tânia).*

Glauceca, a aluna suspensa, dá sua versão do ocorrido:

*A professora mandou eu e as outras meninas da turma, que xingavam a Tânia, descer para a sala da diretora, mas chegou na hora a suspensão foi só dada pra mim, sendo que todo mundo xingou a Tânia e falou que ia dar porrada nela na saída. A Tânia falou pra diretora e pra professora que só eu que falei, aí fiquei três dias suspensa por causa disso (Aluna Glauceca).*

A professora da turma também falou sobre o caso:

*Essa implicância deles com a Tânia já estava demais. Tinha que ser resolvida de alguma forma e nisso alguém tinha que ser punido. Sobrou pra Glaucea, que não era a que mais implicava com ela, se compararmos com a Rafaela, mas no dia que eu dei o basta ela ameaçou a Tânia de agressão [...] deu no que deu. [...] eu acho inclusive que a dificuldade dela em assimilação de conteúdo em sala de aula era agravada com o que ela sofria, não se concentrava e não tinha motivação em estar aqui. Mas a Tânia não era totalmente santa não, na minha opinião ela também era sonsa (Professora).*

Canen (2011) afirma que quatro grupos de sujeitos estão envolvidos em fenômenos de bullying: “o agressor e seus cúmplices; a vítima; as testemunhas; aqueles que tomam conhecimento do fato, que poderiam fazer algo, mas optam em não fazê-lo” (p.56). A autora também afirma que muitas vezes o discurso de professores, gestores, pais, responsáveis e outros membros da comunidade escolar apontam a vítima de bullying como a própria culpada pelas agressões que sofre, seja pela timidez ou por não se conformar com o que se espera no discurso da “normalidade”. Essa constatação pode ser feita na fala de Tânia, que afirma que o pai solicita que ela resolva o problema “que é seu”, de preferência sozinha na escola, passando assim a revidar as ofensas que sofria, e no discurso da professora que afirma que Tânia também era uma aluna “sonsa”, então também poderia ser culpabilizada pela situação de violência vivenciada por si mesma dentro da escola.

A fala da professora em reconhecer que o sofrimento vivido pela aluna poderia contribuir como um agravante de suas dificuldades de aprendizagem na escola também é um ponto relevante de análise. Quaisquer barreiras que impeçam a aprendizagem escolar de alunos e alunas devem ser representadas como um entrave à participação plena e democrática neste espaço. O bullying na escola pode ter como consequências o: “declínio no desempenho e no esforço pessoal pelo sucesso acadêmico” (CANEN, 2011, p.56), configurando-se assim como uma possível barreira à participação e à aprendizagem escolar.



## **Considerações finais**

O trabalho mostrou como o bullying, configurado por xingamentos relacionados às questões de gênero e sexualidade, pode se expressar no cotidiano escolar de forma a agredir quem não estiver enquadrado nas características e padrões sociais direcionados aos modelos instituídos de masculinidade e, no caso desta pesquisa, de feminilidade. Mostramos também, pelos dados apresentados e discutidos, como a sexualidade feminina também é vigiada e controlada pela padronização cultural que define que a mesma deva ser escondida, recolhida e tímida, conforme os xingamentos e apelidos que eram proferidos na situação descrita à aluna.

A prática do bullying, neste contexto, revela como a nossa sociedade ainda é baseada em valores tradicionais, que são pautados nos sistemas patriarcais, sexistas e heteronormativos, culminando em situações como a culpabilização da vítima, quando se buscou soluções para o problema, e a contribuição perante o quadro de dificuldades de aprendizagem apresentado pela aluna, de acordo com fala da professora.

Assim, compreendemos que questões relacionadas ao gênero e à sexualidade devem ser efetivamente problematizadas no contexto escolar, para evitar que alunos e alunas que não se apresentem nos padrões sociais exigidos pela maioria, consigam freqüentar a escola sem sofrer qualquer tipo de violência por conta de sua expressão sexual ou de gênero, possibilitando a todos e todas o acesso e a permanência igualitária na escola.

## **Referências:**

BRITO, L. T.. **Inclusão em Educação, gênero e sexualidade**: um estudo de caso. 2013, 162p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

CANEN, A.. Multiculturalismo, diversidade sexual e combate ao bullying na escola: percepções e caminhos de inclusão a partir de uma experiência de formação continuada. In: BORTOLINI, A. (Org.). **Diversidade sexual na escola**: cultura, violência e ética. Rio de Janeiro: Pró-reitoria de extensão da UFRJ, 2011, p. 52-77.

FANTE, C.; PEDRA, J. A.. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERRARI, A.. "Eles me chamam de feia, macaca, chata e gorda. Eu fico muito triste". - classe, raça e gênero em narrativas de violência na escola. **Instrumento** (Juiz de Fora), v. 12, p. 21-30, 2010.

LOURO, G. L.. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2011.

YIN, R. K.. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4ª ed. Porto alegre: Bookman, 2010.

ZANELLO, V.; BUKOWITZ, B. A. C.; COELHO, E. A.. Xingamentos entre adolescentes em Brasília: linguagem, gênero e poder. **Interações** (Coimbra), v. 7, p. 151-169, 2011.